

Moda Periférica: uma abordagem estratégica em projetos extensionistas para sustentabilidade e impacto social

Josenilde Silva Souza

Doutora, Centro Universitário Belas Artes de São Paulo | josenilde.souza@belasartes.br
Orcid: 0000-0002-6177-3854 | <http://lattes.cnpq.br/6364433665009076>

Juan Guillermo Diaz Droguett

Doutor, Centro Universitário Belas Artes de São Paulo | juan.droguett@belasartes.br
Orcid: 0000-0001-6686-3763 | <http://lattes.cnpq.br/1004744192018018>

Leila Rabello de Oliveira

Doutora, Centro Universitário Belas Artes de São Paulo | leila.rabello@belasartes.br
Orcid: 0000-0002-0481-7195 | <http://lattes.cnpq.br/1138511367733122>

Enviado: 26/09/2025 | Aceito: 16/06/2026



Moda Periférica: uma abordagem estratégica em projetos extensionistas para sustentabilidade e impacto social

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar metodologias para a criação de projetos de extensão com foco na área da moda, destacando casos representativos deste tipo de prática operacional. A metodologia da pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, análise documental e estudo de caso: Moda Periférica. A relevância do estudo está em compreender os projetos extensionistas da moda como facilitadores de soluções para problemas globais, articulando, à luz de pensamento de autores como Paulo Freire, Milton Santos e José Pacheco, perspectivas educativas dialógicas e territoriais imersivas. Os resultados demonstram que a integração com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) fortalece a imagem institucional, engaja as partes interessadas, fomenta inovação sustentável e produz valores identitários compartilhados. Conclui-se que a extensão universitária, quando crítica e territorialmente articulada, pode transformar práticas industriais e promover justiça socioambiental na área da moda, historicamente marcado por externalidades (ambientais e sociais) negativas.

Palavras-chave: Projetos de extensão; Extensão universitária; Moda sustentável; Impacto social.

Peripheral Fashion: a strategic approach in extension projects for sustainability and social impact

ABSTRACT

This study aims to analyze methodologies for creating extension projects focused on the fashion industry, highlighting representative cases of this type of operational practice. The research methodology adopts a qualitative approach, based on bibliographic review, document analysis, and a case study: Peripheral Fashion. The relevance of the study lies in understanding fashion extension projects as facilitators of solutions to global problems, articulating, in light of the thinking of authors such as Paulo Freire, Milton Santos, and José Pacheco, dialogical and immersive territorial educational perspectives. The results demonstrate that integration with the Sustainable Development Goals (SDGs) strengthens the institutional image, engages stakeholders, fosters sustainable innovation, and produces shared identity values. It concludes that university extension, when critically and territorially articulated, can transform industrial practices and promote socio-environmental justice in the fashion industry, historically marked by negative externalities (environmental and social).

Keywords: *Extension projects; University extension; Sustainable fashion; Social impact.*

Moda Periférica: un enfoque estratégico en proyectos extensionistas para la sostenibilidad e impacto social

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar metodologías para la creación de proyectos de extensión enfocados en la industria de la moda, destacando casos representativos de este tipo de práctica operativa. La metodología de investigación adopta un enfoque cualitativo, basado en la revisión bibliográfica, el análisis documental y un estudio de caso: Moda Periférica. La relevancia del estudio radica en comprender los proyectos de extensión de la moda como facilitadores de soluciones a problemas globales, articulando, a la luz del pensamiento de autores como Paulo Freire, Milton Santos y José Pacheco, perspectivas educativas dialógicas y territoriales inmersivas. Los resultados demuestran que la integración con los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS) fortalece la imagen institucional, involucra a las partes interesadas, fomenta la innovación sostenible y produce valores de identidad compartida. Se concluye que la extensión universitaria, cuando se articula de manera crítica y territorial, puede transformar las prácticas industriales y promover la justicia socioambiental en la industria de la moda, históricamente marcada por externalidades negativas (ambientales y sociales).

Palabras clave: *Proyectos de extensión; Extensión universitaria; Moda sostenible; Impacto social.*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo parte da concepção e implementação de projetos de extensão universitária alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, com aplicações específicas na indústria da moda. A integração dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030¹, adotada pelos Estados-Membros da ONU em setembro de 2015, no âmbito corporativo, tem ganhado relevância como estratégia para alinhar negócios à sustentabilidade (Nações Unidas, 2015). Projetos de extensão na área da educação de moda, quando articulados com os ODS, tornam-se ferramentas capazes de gerar impacto social, ambiental e econômico, ultrapassando a lógica filantrópica tradicional ao adotar uma perspectiva estratégica de valor compartilhado (Porter; Kramer, 2011).

No contexto da indústria da moda, um dos segmentos com maiores impactos socioambientais, essas iniciativas adquirem caráter emergencial diante das demandas contemporâneas por responsabilidade socioambiental (Carroll; Shabana, 2010). Este artigo tem como objetivo analisar metodologias para a criação de projetos de extensão alinhados aos ODS, com foco na área da moda, destacando casos representativos e propondo um *framework* aplicável. A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, análise documental e estudo de caso: Moda Periférica. A relevância do estudo está em compreender os projetos extensionistas na moda como facilitadores de soluções para problemas globais, articulando, à luz de pensamento de autores como Paulo Freire², Milton Santos³ e José Pacheco⁴, perspectivas educativas e territoriais.

A pedagogia crítica de Paulo Freire, os princípios da Escola da Ponte e as potencialidades educativas da moda oferecem

caminhos para pensar a extensão como prática transformadora. O diálogo freireano orienta a valorização dos saberes comunitários e a superação de modelos assistencialistas. A Escola da Ponte, ao propor uma aprendizagem baseada em projetos, inspira metodologias de cocriação e autonomia. Nesse sentido, a moda enquanto linguagem cultural e veículo de socialização amplia a capacidade de articular educação e transformação social.

O território, segundo Milton Santos, não é simples suporte físico, mas um espaço dinâmico de possibilidades, intercalado por relações sociais, culturais e econômicas. Essa perspectiva é imprescindível para compreender como a moda sustentável pode se enraizar em práticas locais, fortalecendo circuitos curtos de produção, ao valorizar saberes tradicionais e resistir à lógica fragmentadora do *fast fashion*.

2 PROJETOS DE EXTENSÃO E MODA SUSTENTÁVEL

A extensão universitária desempenha um ponto fundamental entre o conhecimento acadêmico e as demandas sociais, promovendo ações transformadoras que vão além da sala de aula, como projetos colaborativos que integram comunidades, mercado e instituições. No contexto da moda sustentável, essa extensão ganha relevância estratégica, ao fomentar inovações que combatem os impactos ambientais e sociais da indústria têxtil, incentivando práticas como *upcycling*, economia circular e inclusão de designers periféricos. Ao articular educação crítica, territórios locais e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a extensão universitária não só gera impacto social positivo, mas também impulsiona uma moda ética, minimizando impactos ambientais e sociais indesejados e criando valor compartilhado para partes

interessadas.

2.1 A Extensão como Práxis Transformadora: diálogos entre Freire, a Escola da Ponte e a Moda Sustentável

A concepção contemporânea de educação transcende os muros institucionais e assume um caráter multidimensional, dialógico e socialmente referenciado. No contexto dos projetos de extensão corporativos alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a educação surge como eixo central para a construção de práticas sustentáveis, sobretudo na indústria da moda – segmento notadamente marcado por contradições socioambientais e pela emergência de novos paradigmas. Este tópico articula os pressupostos da pedagogia crítica de Paulo Freire, os princípios da Escola da Ponte, idealizada por José Pacheco, e as potencialidades educativas da moda, propondo um modelo de extensão universitária que seja, efetivamente, uma práxis transformadora. Como afirma Freire (2019, p. 96), “ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Por isso aprendemos sempre”. Esta premissa fundamental orienta a análise aqui proposta, que compreende os projetos extensionistas como espaços de aprendizado mútuo e de valorização dos saberes da comunidade, onde a universidade não é a detentora do conhecimento, mas uma mediadora em um processo circular de ensino-aprendizagem.

2.2 A Pedagogia Freireana como fundamento do diálogo democrático, ético-político e de extensão dentro e fora da sala de aula⁵

Paulo Freire utiliza o conceito de diálogo para unir a

dimensão existencial, ético-política e metodológica (Oliveira, 2017)⁶. O diálogo como relação democrática envolve o eixo existencial quando se reconhece a busca inerente do ser humano pelo conhecimento mediante o questionamento pessoal, a interação com os outros e com o mundo. A questão ético-política assim é garantia de que todos tenham direito de expressar sua própria voz, promovendo a inclusão e o reconhecimento social. O fenômeno de extensão que reflete a metodologia do alcance, propõe que o diálogo não é apenas uma técnica, mas uma dimensão intrínseca à “condição humana” que facilita a aquisição do conhecimento (Arendt, 2016)⁷.

Educação é nesta concepção um ato político que envolve escolhas, moldando a visão de mundo e a consciência crítica de todo e qualquer indivíduo. Desta forma, não é possível educar qualquer indivíduo de forma neutra, já que toda ação pedagógica visa o sentir, pensar e agir no mundo. Por esta razão, a formação para a sociabilização liga o ato de aprendizagem à luta pela autonomia e emancipação do pensamento. Esta perspectiva representa e significa que a educação precisa libertar e transformar as pessoas, em lugar apenas de transmitir conhecimento.

O diálogo proposto por Freire (2019) se desenvolve e integra a partir da dialética, situando-o como uma necessidade existencial, condição indispensável para a humanização e libertação das pessoas por meio das práxis pedagógicas. Esse aspecto se baseia no confronto e superação das contradições presentes na realidade. Por conseguinte, a educação não se apresenta como algo neutro, porém um ato político fundamentado na relação sem hierarquias e na base da autonomia dos sujeitos para a transformação do mundo.

Segundo Freire (1981), o diálogo promove consciência, participação ativa, crítica e prática, integrando educação formal e informal nos processos de emancipação. Diálogo

e política devem atravessar o espaço educativo, rompendo com o modelo de “educação bancária” e promovendo a participação crítica dos alunos⁸. Por outro lado, no seu viés informal, o aprendizado é visto como oportunidade de intervenção positiva, significativa e de sentido no mundo, no qual a relação entre todos os envolvidos é fundamental para a construção de conhecimento.

Contudo, a pedagogia freireana manifesta-se no reconhecimento da interdependência entre educador e educando, cuja valorização das experiências se expressa no compromisso ético-político com a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Segundo María Verdeja (2020), a obra de Paulo Freire oferece uma base teórica para repensar a relação entre empresas, sociedade e meio ambiente.

Nesta linha vitalista, a autora afirma que o principal acerto do educador brasileiro consiste em situar o excluído no cenário histórico, destacando o saber cotidiano de um grupo social. Enfatiza-se o papel do orientador em virtude da prática docente: tolerância, coerência e ética universal, entre outras.

Diálogo é um imperativo existencial, entendido como método de conhecimento a ser trabalhado nas escolas. Considerado entre culturas, é uma ação que busca o crescimento, feita com respeito e humildade. Para Freire (1996), o desafio de construir o fenômeno do multiculturalismo, implica convivência entre diferentes culturas e a convivência que, longe de ser natural e espontânea, trata-se de um processo histórico que exige vontade política e uma ética fundada no respeito às diferenças.

Infere-se deste tratado a dura crítica feita ao neoliberalismo que consiste em neutralizar a desigualdade e a sua ideologia negacionista, enquanto manifesta não haver nada a fazer para mudar as estruturas de mundo. Por esta razão, uma constante na obra de Freire (2019) consiste em

chamar a atenção em afirmar que a “desigualdade não é natural”. Por isso, aguçar a capacidade crítica coloca na mira o principal objetivo da educação na atualidade: transformar o mundo.

Observa-se neste sentido, um Paulo Freire (2019) posicionado diante de abordagens formulados desde a “pedagogia crítica”, reivindicando a “legitimidade do sonho ético-político da superação das injustiças sociais”, que defende a prática educativa rigorosa dos conteúdos, empolgada diante da possibilidade do “ser humano de reinventar a sociedade”.

Ao aplicar este ideário aos projetos de extensão na moda, percebe-se a necessidade de superar uma abordagem assistencialista e unidirecional. Em vez de simplesmente “doar” conhecimento ou recursos, uma universidade orientada por princípios freireanos engaja-se em um diálogo genuíno com artesãos, costureiras, comunidades fornecedoras e consumidores. Um projeto de extensão, por exemplo, que visa implementar técnicas de tingimento natural em uma comunidade, não deve chegar com um manual fechado. Deve, por outro lado, partilhar os conhecimentos técnicos e, ao mesmo tempo, estar aberto a aprender com os saberes tradicionais daquela comunidade sobre plantas e técnicas locais, cocriando um “novo” conhecimento. Este é o cerne do que Freire (2019) chamou de “círculo de cultura”: um espaço horizontal onde todos são simultaneamente professores e alunos. Nesta perspectiva, o projeto de extensão deixa de ser um “fazer para” e passa a ser um “fazer com” a comunidade, gerando autonomia e emancipação, valores intrínsecos a vários ODS, como o ODS 4 (Educação de Qualidade) e o ODS 10 (Redução das Desigualdades).

2.3 A Escola da Ponte e a aprendizagem baseada em projetos: um modelo para a extensão

A experiência revolucionária da Escola da Ponte oferece um modelo prático e inspirador que pode ser transposto para o universo educativo. A Escola da Ponte rompe com a estrutura tradicional de salas de aula, séries e aulas expositivas, adotando um modelo de aprendizagem baseada em projetos, onde os alunos, agrupados por interesses e não por idades, definem seus planos de trabalho e aprendem de forma colaborativa, autônoma e responsável. Pacheco (2008) defende que “a escola não é um edifício, é uma comunidade de aprendizagem”.

O projeto, focado na autonomia e responsabilidade do estudante, permite que grupos com interesses comuns organizem seu próprio aprendizado, superando o modelo tradicional. O docente atua como mediador, articulando um currículo baseado em princípios como autonomia, aprendizado por projetos, e colaboração, abrangendo diversas áreas do conhecimento e promovendo autoavaliação e participação (Pacheco, 2008).

A Escola da Ponte propõe uma transformação do espaço educativo digital, incentivando a participação ativa dos alunos. A inclusão digital é importante para a promoção da transformação social, facilitando a organização e construção conjunta de conhecimento sistemático e científico (Silva e Oliveira, 2022).

Os autores destacam que os avanços tecnológicos influenciam significativamente a educação, permitindo o planejamento de aulas diversificadas que respeitam as particularidades dos alunos. Assim, a escola se torna um espaço de interação que integra tecnologias, promovendo cooperação e transformação social. Este princípio é produtivo

para os projetos de extensão na moda. Basta imaginar uma grande empresa de varejo *fashion* que, alinhada ao ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis), deseja desenvolver uma linha de produtos a partir de resíduos têxteis. No lugar de desenvolver o produto internamente e depois lançá-lo no mercado, a empresa pode criar um “núcleo de inovação aberta”, nos moldes de uma comunidade de aprendizagem da Ponte. Esse núcleo reuniria designers da empresa, estilistas independentes, estudantes de moda, representantes de cooperativas de catadores e especialistas em sustentabilidade. Juntos, eles mapeariam o problema, como o desperdício têxtil, pesquisariam técnicas de *upcycling*, prototipariam peças e definiriam coletivamente os critérios de viabilidade comercial e ambiental. O projeto de extensão se torna, assim, em um grande projeto de aprendizagem para todos os envolvidos. A empresa aprende sobre inovação sustentável e engajamento comunitário; a comunidade e os parceiros aprendem sobre gestão e os alunos, acesso ao mercado. Aprende-se fazendo, em um processo contínuo de investigação-ação, como preconizado por Pacheco (2008). Esta abordagem por projetos assegura que o aprendizado seja significativo, contextualizado e direcionado para a solução de problemas reais, essência dos princípios norteadores da Agenda 2030.

2.4 A moda como linguagem e veículo de aprendizagem sociocultural

A moda, enquanto linguagem verbo-visual e prática cultural, é um excelente veículo de educação e transformação social. Ela comunica valores, identidades e posicionamentos diante do mundo. Um projeto de extensão na moda, portanto, nunca é apenas sobre produzir roupas; é sobre produzir significados, sentidos e fomentar aprendizados.

Como destaca Lipovetsky (2009, p. 15), “a moda é um agente de socialização, um operador de modernidade”. Desta maneira, articular este potencial com a pedagogia de Freire e a metodologia da Escola da Ponte gera resultados práticos e motivadores para a sociedade.

Um caso representativo seria um projeto focado no ODS 5 (Igualdade de Gênero) desenvolvido por uma marca em parceria com uma comunidade de mulheres. O objetivo não seria apenas capacitar técnicas de costura, mas criar um espaço de discussão sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, usando a moda como meio. As peças confeccionadas poderiam carregar narrativas, bordados ou estampas que contassem as histórias daquelas mulheres, transformando o vestuário em um manifesto de empoderamento.

2.5 Tecendo redes de aprendizagem para um futuro sustentável

A integração entre os princípios pedagógicos de Paulo Freire, a metodologia de projetos da Escola da Ponte e a força cultural da moda oferece um caminho animador de inovação para conceber projetos de extensão corporativos. Este modelo proposto vai além do alinhamento técnico aos ODS porque incorpora uma dimensão pedagógica profunda, transformando a própria escola e seus parceiros em uma comunidade de aprendizagem permanente. O conhecimento deixa de fluir linearmente, da empresa e da universidade para a comunidade, e passa a circular em rede, de forma rizomática⁹, gerando inovação sustentável e genuíno impacto social.

Neste sentido, os projetos extensionistas deixam de ser percebidos como custo ou ação de marketing para se

tornarem investimento estratégico em recursos humanos, inovação e licença social para operar. Eles formam indivíduos críticos, criativos e responsáveis, tanto dentro quanto fora da corporação, capazes de liderar a transição para uma economia da moda verdadeiramente circular e inclusiva. Aprender a tecer redes de colaboração, a ouvir os saberes do território e a cocriar soluções seja, talvez, a competência mais vital para as empresas do século 21. Como nos ensina Freire (1996, p. 144), “o mundo não é, o mundo está sendo”. E é por meio de projetos de extensão concebidos como práxis educativa que as empresas podem participar ativamente deste processo de “estar sendo” do mundo, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e sustentável para as pessoas que pensam a moda e, por extensão, para a sociedade.

2.6 O Território como espaço de possibilidades na perspectiva de Milton Santos

O geógrafo Milton Santos (2023) oferece um arcabouço teórico fundamental para repensar a moda sustentável a partir de uma perspectiva territorial. Para ele, território, é o conceito teórico e metodológico que explica o desenvolvimento espacial das relações sociais estabelecidas pelos seres humanos no âmbito econômico, político, social, cultural; é o referente empírico, embora represente um conceito próprio da teoria desenvolvido pelo pesquisador.

Epistemologicamente, um conhecimento que se constrói levando em conta que seus conteúdos mudam conforme se transformam as próprias relações sociais no mundo; podendo ser analisado da perspectiva inter, multi e transdisciplinar a partir dos enfoques que colocam o território como um conceito teórico e um objeto empírico. O estado da arte denuncia que o conceito tem passado reducionista

fisiográfico para ser assumido como um conceito que existe porque culturalmente há uma representação dele, porque socialmente se trata de uma especialização e de uma rede de relações que o sustentam economicamente, constituindo uma das ferramentas conceituais mais fortes na demarcação do poder e intercâmbio.

De forma sintética, o território se abre ao concurso de diversas disciplinas e com flexibilidade de se adaptar às novas condições em que a globalização situa o espaço como uma dimensão que adquire a mesma importância da dimensão temporal. Converte-se na representação do espaço, submetido a uma transformação continua que resulta da ação social dos seres humanos, da cultura e dos frutos da revolução que no mundo do conhecimento vive em todos os lugares do planeta.

Antes, os processos sociais desenvolviam-se em regiões em um sentido unidirecional, no território esses processos não transitam na mesma direção, não seguem o mesmo curso. O unidirecional não é o caminho que podem compartilhar porque não estão articulados ao paradigma do progresso ou desenvolvimento. A promessa do futuro que ofereceu a modernidade encontra-se interdito, os grandes metarrelatos têm criado um grande vazio na percepção da vida social (Santos, 2023).

A ausência por um momento de um caminho viável, inclusivo e de tipo civilizatório, aumenta as tensões sociais nos territórios, segundo explica o geógrafo. Neles, mais do que a homogeneidade, o que se busca é encontrar a singularidade, a particularidade que lhe dará identidade ao território. Este conceito até aqui descrito descortina a crise tensa e agitada das relações sociais que caracterizam o mundo de hoje.

Para Santos (2021, p. 51), "o território não é apenas o lugar onde estamos, mas o conjunto de possibilidades que a vida nos oferece". Esta concepção ultrapassa a visão do território como mero suporte físico, compreendendo-o como

um espaço dinâmico, transpassado por relações de poder, saberes, técnicas e afetos. O pesquisador adverte que a globalização hegemônica, ao impor uma "lógica corporativa transnacional", tende a produzir uma "fragmentação e seletividade espacial" (Santos, 2021, p. 102), homogeneizando culturas e marginalizando economias locais. Nesta linha, a indústria da moda globalizada frequentemente opera como agente dessa fragmentação, desarticulando cadeias produtivas locais em favor de uma produção massificada e desterritorializada.

Contra essa lógica, Santos (2023) propõe o fortalecimento do "espaço local como espaço globalizado", no qual o território afirma-se não como vítima passiva, mas como ator ativo na globalização. É precisamente nesse contexto que os projetos extensionistas em moda sustentável encontram seu maior potencial transformador. Em vez de reproduzir a lógica do *fast fashion* – que ignora as particularidades dos territórios –, a extensão universitária pode fomentar os denominados "circuitos curtos" de produção e consumo. Esses circuitos, baseados na proximidade geográfica e relacional, "permitem que o território seja usado de forma mais intensiva e adequada às suas potencialidades" (Santos, 2023, p. 87).

Um projeto de extensão que mapeia e valoriza fibras naturais de um bioma específico, como o projeto Seda Brasil: o fio que transforma, materializa essa proposta. Ele conecta saberes tradicionais locais – a exemplo do manejo sustentável de fibras por comunidades agricultoras – ao conhecimento técnico-científico universitário multidisciplinar (Design de Moda, Design Gráfico, Química, Biologia, Agronomia e Zootecnia), criando um arranjo produtivo simultâneo, globalmente relevante e localmente enraizado. Conforme relata a professora Cristianne Cordeiro, pesquisadora e responsável pelo projeto, em entrevista ao site Conexão Ciência:

Atender esses pequenos produtores fez-me perceber que esse é o nosso papel; talvez seja esse o diferencial dos docentes: estamos acostumados a compartilhar conhecimento, a inspirar pessoas. Minha particularidade como docente é ser inspiração, compartilhar pesquisa e conhecimento, ajudando a transformar a vida das pessoas (Sousa, 2024, online).

Esse projeto, que atende mais de dois mil produtores em 168 municípios paranaenses em propriedades de até cinquenta hectares, contribui com uma característica economicamente diferenciada e territorialmente integrada.

2.7 Moda sustentável e território: práticas extensionistas como resistência criativa

A aplicação desses conceitos na moda sustenta-se no trabalho pioneiro de pesquisadoras como Kate Fletcher, uma das principais vozes da moda sustentável. Fletcher (2014, p. 22) argumenta que “a sustentabilidade na moda não é sobre adicionar elementos ‘verdes’ a um sistema inerentemente insustentável, mas sobre redesenhar o sistema a partir de princípios ecológicos e sociais”. Para a autora, isso implica em uma mudança de escala: priorizar o local sobre o global, o pequeno sobre o grande, o diverso sobre o uniforme. Os projetos extensionistas tornam-se, assim, laboratórios vivos para esse redesenho sistêmico.

Na prática, isso se traduz em iniciativas que articulam ensino, pesquisa e extensão de forma indissociável. Por exemplo, um projeto de extensão pode:

I. Mapear e valorizar matérias-primas

locais: identificar e catalogar fibras, corantes naturais e técnicas de tecelagem tradicionais de um território específico, resgatando saberes ameaçados pelo avanço da produção industrial homogênea. Este mapeamento, enquanto atividade de pesquisa, alimenta o ensino em sala de aula e produz insumos para a extensão.

- II. Implementar oficinas de economia circular: promover oficinas de *upcycling* e customização para a comunidade acadêmica e o público externo, utilizando resíduos têxteis de confecções locais. Esta prática, além de reduzir o impacto ambiental, educa o futuro profissional de moda para um *design* regenerativo, como preconiza Fletcher (2014).
- III. Fortalecer arranjos produtivos Locais (APLs): conectar *designers*, estudantes, artesãos e pequenas confecções para desenvolver coleções colaborativas que utilizem materiais e mão de obra local. Esta ação gera trabalho decente e renda (ODS 8) dentro do território, combatendo a lógica da exploração laboral comum nas cadeias globais.

Desta forma, os estudantes aprendem sobre gestão de cadeia produtiva ética; os agricultores acessam novos mercados e valorizam seu produto; e o território se fortalece economicamente de forma sustentável. Este é um exemplo de como Milton Santos (2021) via a possibilidade de se criar “globalizações mais solidárias”.

2.8 O empoderamento pela técnica: conscientização do futuro profissional

O processo extensionista na área da moda, quando orientado por uma ética territorial fundamentada, consolida-se como instrumento catalisador de conscientização crítica e empoderamento comunitário. Nesta linha, o futuro estilista ou gestor de moda transcende a condição de mero reprodutor de tendências globais desconectadas de contextos locais, conforme problematizado por Thompson (2017, p. 118) ao afirmar que "o surgimento de tendências não é um fenômeno espontâneo, mas um processo complexo de aceleração cultural onde *coolhunters*, influenciadores e *early adopters* atuam como catalisadores de micro comportamentos que posteriormente serão massificados", transformando-se em agente ativo de desenvolvimento territorial sustentável. Por meio da imersão prática, o discente compreende a moda como vetor de inclusão social, salvaguarda cultural e regeneração socioambiental. O engajamento direto com comunidades possibilita o desenvolvimento de competências dialógicas, cocriativas e de respeito aos saberes e temporalidades locais, constituindo experiência formativa transformadora que capacita profissionais críticos, éticos e socialmente responsáveis.

Esta abordagem repercute também no empoderamento dos trabalhadores e artesãos envolvidos. Ao verem seus saberes tradicionais valorizados e transformados em produtos com valor de mercado em circuitos justos, essas comunidades fortalecem sua autoestima e sua autonomia econômica. Eles deixam de ser fornecedores anônimos de uma cadeia longínqua e passam a ser protagonistas de sua própria história, reconhecidos como detentores de um conhecimento valioso. É a materialização do conceito de "empoderamento

pela técnica”, onde o saber-fazer local se torna instrumento de emancipação social e econômica.

A articulação entre o pensamento de Milton Santos, os princípios da moda sustentável de Kate Fletcher e a prática extensionista demonstra que a moda pode ser reconectada ao território. Os projetos de extensão universitária surgem como espaços privilegiados para incubar e testar novos modelos que contrariam a lógica predatória e desterritorializada do *fast fashion*.

Ao fomentar circuitos reduzidos, valorizar saberes locais e formar profissionais conscientes, essas iniciativas contribuem para a construção de um sistema de moda verdadeiramente sustentável (não apenas do ponto de vista ambiental, mas também social e econômico). Como bem lembrou Milton Santos (2023, p. 273), “o espaço é o conjunto indissociável de [processos], de objetos e sistemas de ações, e a sua história é [o percurso] de sua permanente interação”. Cabe à extensão universitária na moda garantir que essa interação seja cada vez mais justa, solidária e sustentável.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa e exploratória que, para tanto, foram considerados três procedimentos principais: revisão bibliográfica de autores ligados à pedagogia crítica, extensão universitária e moda sustentável; análise documental de relatórios institucionais e de projetos de extensão; e estudo de caso do programa Moda Periférica, realizado na Fábrica de Cultura do Jardim São Luiz (São Paulo).

O estudo privilegia a análise dialógica e territorial, inspirada em Paulo Freire, José Pacheco e Milton Santos. Entretanto, não houve coleta de dados com seres humanos em caráter formal que exigisse submissão a Comitê de

Ética, uma vez que o estudo dialoga com registros públicos e experiências sistematizadas em relatórios e entrevistas disponíveis.

3.1 Estudo de caso: processos educacionais para formação profissional no núcleo de moda periférica

O programa Moda Periférica¹⁰, desenvolvido pela iniciativa da Fábrica de Cultura do Jardim São Luiz em São Paulo, constitui um caso paradigmático de operacionalização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – particularmente o ODS 5 (Igualdade de Gênero) – por meio de uma abordagem territorialmente integrada. Situado em regiões periféricas da zona sul da capital paulista, o programa capacita comunidades em situação de vulnerabilidade socioeconômica em técnicas de modelagem, costura e gestão de microempreendimentos na área da moda, transcendendo a formação técnica para assumir características de movimento de emancipação coletiva.

Este caso demonstra como instituições educacionais podem reposicionar seu papel social ao adotar as premissas de Milton Santos (2021) sobre o território como “espaço de possibilidades”, onde a geografia não é apenas cenário, mas agente ativo no processo de transformação social. Na perspectiva de Paulo Freire (1996), o programa materializa nos territórios a “educação como prática da liberdade”, estabelecendo diálogos entre saberes comunitários e conhecimento técnico.

A proposta pedagógica do núcleo articula teoria e prática durante o processo formativo, desenvolvendo nos educandos autonomia, responsabilidade socioambiental e ética profissional. Como propõe Rancière (2023), rompe-se

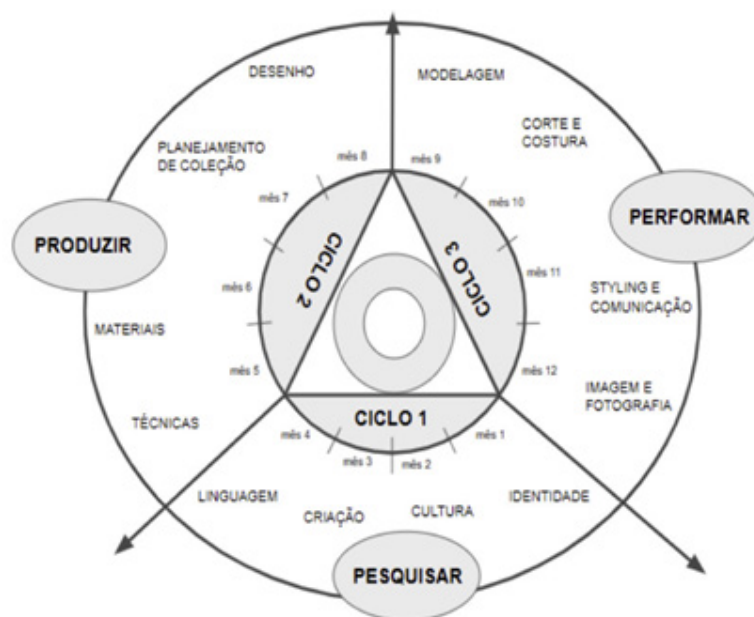
com a “ordem explicadora” tradicional para estabelecer uma comunidade de iguais inteligências, onde todos são capazes de aprender, ensinar como no modelo dos três ciclos (Figura 1):

Estrutura curricular em três ciclos:

- **Ciclo 1 (Pesquisar):** introduz o educando no universo da pesquisa com reconhecimento de conceituações de identidade, alteridade e cultura, fomentando o debate sobre pautas contemporâneas da moda e sociabilidade. Desenvolve a competência do "saber ouvir" pelo diálogo.
- **Ciclo 2 (Produzir):** possibilita o "saber fazer fazendo" por meio do acesso a materiais, técnicas e conhecimentos para desenvolvimento de criações autorais a partir do repertório pessoal e vivências do ciclo anterior.
- **Ciclo 3 (Performar):** capacita o educando a traduzir suas produções em coleções autorais, com *styling*, imagem e fotografia de moda, apresentando para a comunidade pelas campanhas de divulgação.

O perfil profissional de conclusão integra domínio técnico, visão crítica, atitude empreendedora, práticas sustentáveis e trabalho colaborativo, formando profissionais criativos com capacidade de atuação transformadora em seus territórios.

Figura 1. Mandala do Saber, instrumento pedagógico cocriado a partir do diálogo com a comunidade local



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A efetividade do programa Moda Periférica reside na convergência orgânica de três matrizes teóricas fundamentais. São elas:

1- O território como ator

A iniciativa aplica o conceito de Milton Santos de “espaço geográfico como conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos, 2023, p. 51). As oficinas não são implantadas de forma colonialista, mas surgem do mapeamento prévio das potencialidades locais, como a existência de saberes manuais informais, a disponibilidade de espaços ociosos em associações comunitárias e as redes de solidariedade existentes.

2- A Pedagogia da autonomia

A metodologia adota os princípios freireanos da educação

como prática da liberdade. As facilitadoras – muitas vezes estudantes universitárias de moda – atuam como “mediadoras dialógicas” *rather than instructors*, problematizando com as participantes questões como: Como a moda pode ser instrumento de agência feminina? De que forma as técnicas de costura podem ressignificar memórias afetivas? Como transformar habilidades manuais em ferramentas de autonomia econômica? Este processo exemplifica o “ato cognoscente na qual a pessoa se torna capaz de assumir uma posição crítica frente ao mundo” (Freire, 1996, p. 25).

3- A Comunidade de aprendizagem

A estrutura organizacional espelha o modelo da Escola da Ponte ao eliminar hierarquias rígidas entre professor-aluno. Os alunos são protagonistas e co-gestionam o cronograma de atividades, escolhem as técnicas a serem aprofundadas e desenvolvem projetos coletivos baseados em necessidades reais da comunidade. Esta horizontalidade operacionaliza o conceito de “comunidade de aprendizagem” onde “todos aprendem com todos em regime de corresponsabilidade” (Pacheco, 2008, p. 87).

3.2 Metodologia de Ação-Reflexão-Ação

O programa desenvolve uma abordagem cíclica em três fases:

Fase 1: imersão territorial

Estudantes e professores realizam etnografia urbana para identificar os saberes manuais preexistentes na comunidade (bordado e customização); os espaços subutilizados da Fábrica de Cultura com potencial para criar ateliês e identificar as lideranças comunitárias femininas capazes de atuar como

multiplicadoras.

Fase 2: cocriação curricular

As ementas são construídas coletivamente por meio de rodas de conversa sobre necessidades e aspirações, bem como o mapeamento de competências existentes no grupo e definição colaborativa de metas de aprendizagem.

Fase 3: ecossistema de suporte

Criação de rede de apoio envolvendo juristas voluntários para assessoria jurídica; contadores para orientação em gestão financeira e estudantes de moda estabelecidos para mentoria criativa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos no projeto Moda Periférica revelam o potencial transformador da extensão universitária quando ancorada em perspectivas críticas e territoriais, integrando saberes comunitários à produção acadêmica de moda sustentável. A análise demonstra que a articulação entre educação popular, inovação social e ODS não apenas mitiga impactos ambientais e sociais da indústria têxtil, mas também fortalece a coesão comunitária e a relevância institucional, evidenciando ganhos em empoderamento epistêmico e criação de valor compartilhado. Esses achados pavimentam o caminho para recomendações práticas de replicação, adaptáveis a contextos semelhantes.

4.1 Recomendações para replicação

Para universidades interessadas em implementar modelos similares, sugere-se a adoção de Epistemologias do Sul. A implementação efetiva do projeto Moda Periférica, na

Fábrica de Cultura do Jardim São Luís, exigiu uma ruptura epistemológica com modelos eurocêntricos de produção do conhecimento, alinhando-se ao que Boaventura de Sousa Santos denomina Ecologia de Saberes. Segundo o sociólogo, é necessário “reconhecer a pluralidade de conhecimentos existentes no mundo, sem reduzir uns aos outros” (Santos, 2009, p. 45). Esta perspectiva tornou-se o alicerce metodológico para:

a) Descolonização curricular: inversão da hierarquia saber popular/saber acadêmico por meio de “rodas de saberes” onde mestras de bordado tradicional ministraram oficinas para estudantes universitárias e registro e validação de técnicas manuais ancestrais como conteúdos programáticos formais e a criação de glossário bilíngue (acadêmico-comunitário) de termos de moda e costura.

b) Tradução intercultural: como propõe Santos (2009, p. 89), “a tradução intercultural permite criar entendimento mútuo entre diferentes formas de conhecimento sem destruir sua identidade”. Na prática, isto se operacionalizou pela documentação audiovisual de técnicas de customização popular com legendagem acadêmica, desenvolvimento de cartilhas técnicas que articulam narrativas comunitárias com metodologias de design de moda e o estabelecimento de “comissões mistas” para validação conjunta dos materiais pedagógicos.

c) Justiça cognitiva: o programa incorporou o conceito de “justiça cognitiva” ao garantir remuneração equivalente para mestras comunitárias e professoras universitárias, coautoria em publicações científicas entre acadêmicas e artesãs e registro de propriedade intelectual compartilhada para criações desenvolvidas coletivamente.

4.2 Resultados da aplicação das Epistemologias do Sul

A promoção de uma educação inclusiva e representativa é substancial para valorizar saberes locais e tradições culturais. Nessa perspectiva, destacam-se três aspectos fundamentais: a ampliação do repertório técnico-acadêmico; o empoderamento epistêmico; e a inovação metodológica, exemplificada pelo método “Moda Periférica”, que se tornou referência em outras unidades da Fábrica de Cultura.

Ampliação do repertório técnico-acadêmico:

Incorporação de técnicas manuais tradicionais não-documentadas

Empoderamento epistêmico:

A comunidade e os alunos passaram a identificar-se como “detentores de conhecimento válido”.

Inovação metodológica:

A criação do método “Moda Periférica” foi desenvolvida como um projeto piloto e agora serve como modelo para outras unidades da Fábrica de Cultura. Essa abordagem evidencia que “não existe justiça global sem justiça cognitiva”, uma vez que a moda se torna um espaço propício para mudança ao reconhecer que “o futuro é pluriverso” (Santos, 2009, p. 112).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Projetos de extensão alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) constituem uma oportunidade estratégica para que as universidades contribuam de forma efetiva ao desenvolvimento sustentável, notadamente no setor da moda, historicamente marcado por impactos socioambientais negativos. Quando articulados criticamente, esses projetos suplantam práticas

assistencialistas e tornam-se instrumentos de transformação estrutural em comunidades, promovendo emancipação social, valorização de saberes locais e formação de profissionais comprometidos com práticas sustentáveis.

A análise demonstrou que experiências como o Moda Periférica mostram o potencial da extensão universitária em moda como práxis educativa e territorial. A reconexão entre moda e território permite que se construam redes colaborativas, fortaleçam arranjos produtivos locais e fomentem ecossistemas inovadores, nos quais a comunidade deixa de ser receptora passiva e passa a atuar como agente ativo de mudança.

Nesse caminho, a flexibilização curricular surge como condição estratégica para consolidar os projetos extensionistas, conforme indicam as diretrizes do Plano Nacional de Extensão Universitária, que ressaltam a importância de reconhecer academicamente a participação discente em atividades extensionistas. Na prática, isso implica a criação de disciplinas eletivas com carga horária dedicada à extensão, equivalência de créditos, estabelecimento de sistemas de equivalência entre horas extensionistas e créditos curriculares; desenvolvimento de portfólios digitais para registro e validação de aprendizagens experienciais.

A governança compartilhada também se apresenta como elemento indispensável para a efetividade dos projetos. Quando os territórios participam ativamente da concepção e implementação das ações, ampliam-se as condições de legitimidade e sustentabilidade, garantindo que os resultados não sejam impostos de fora, mas construídos a partir das potencialidades locais. Essas direções futuras podem consolidar a extensão como vetor estratégico de uma moda circular, inclusiva e sustentável, capaz de reconectar práticas educativas, comunidades e empresas em torno de um mesmo horizonte: a construção de um futuro mais justo e

ambientalmente responsável.

Notas de fim de texto

¹ Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) conformam um marco global multilateral, estabelecendo um plano de ação integrado e transversal para a eliminação da pobreza extrema em todas suas formas, a garantia de segurança alimentar, a provisão de educação inclusiva e de qualidade ao longo da vida, a proteção e conservação dos ecossistemas planetários e a promoção de sociedades equitativas, pacíficas e inclusivas, com horizonte temporal firmado no ano de 2030 (Unicef, 2015).

² Paulo Freire destaca-se como um dos mais influentes pedagogos do século 20. Sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1968) estabeleceu as bases para uma educação libertadora contra a hegemonia. Desenvolveu uma epistemologia educacional inovadora pelo seu método de alfabetização crítico-dialógico, integrando a decodificação fonêmica à conscientização política.

³ Geógrafo brasileiro que revolucionou o entendimento sobre espaço geográfico ao defini-lo como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”.

⁴ A Escola da Ponte, idealizada pelo educador português José Pacheco, representa um dos mais radicais e inovadores projetos de transformação pedagógica contemporâneos.

⁵ Daniel Buraschi e Natalia Oldano (2022) salientam o legado de Paulo Freire nas práticas participativas dialógicas, vindo ao encontro à proposta dos projetos extensionistas aqui defendida tanto de sustentabilidade quanto de impacto social na área da moda.

⁶ Segundo Ivanilde Apoluceno (Oliveira, 2017), o diálogo é um processo fundamental para a educação democrática. Nela, educador e educando se reconhecem como sujeitos ativos que compartilham saberes e buscam a transformação do mundo. Assim, o diálogo parte da realidade dos envolvidos, promovendo a reflexão crítica e a performance transformadora, rompendo com o modelo pedagógico tradicional.

⁷ Hannah Arendt (2016) ao se referir à condição humana, estabelece um estado da arte da humanidade no mundo contemporâneo. Discerne entre vida contemplativa e ativa para dizer que a primeira está desprovida de realidade.

⁸ Educação bancária é um modelo pedagógico autoritário e opressor no qual o professor é depositante de conhecimento, e o aluno um receptor passivo de informações transferidas. Este método caracteriza-se por ser uma relação unilateral, que se nega ao diálogo e à participação ativa do estudante, sem promover a reflexão crítica e transformadora da sociedade.

⁹ O conceito de rizoma, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra *Mil Platôs: capitalismo e Esquizofrenia* (1995), descreve uma estrutura de organização do conhecimento não-hierárquica, não-linear e multiplicativa. Analogamente à estrutura botânica de rizomas (como gengibre e bambu, por exemplo), que se expandem em redes horizontais interconectadas, o conhecimento rizomático opõe-se a modelos arbóreos (centrados em troncos hierárquicos).

¹⁰ O projeto Moda Periférica que teve a consultoria e implantação das professoras Jo Souza e Ana Paula Sudano em 2020 a partir de uma demanda da A Poiesis - Organização Social de Cultura, gestora do programa Fábricas de Cultura – que desenvolve ações de formação e difusão cultural em territórios periféricos do Estado de São Paulo –, encontra-se em fase de estruturação de novo projeto na área de moda. A *Poiesis* gerencia as

unidades das fábricas de Jaçanã, Vila Nova Cachoeirinha, Brasilândia, Diadema, Capão Redondo e Jardim São Luís, em processo de ampliação para Osasco e Iguape.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

BRASIL. Plano Nacional de Extensão Universitária. Ministério da Educação, 2018.

BURASCHI, D.; OLDANO, N. La herencia de Paulo Freire en las prácticas participativas dialógicas. In: **RES, Revista de Educación Social**, nº 35, jul-dic., 2022, p. 404-419.

CARROLL, A. B.; SHABANA, K. M. The business case for corporate social responsibility: A review of concepts, research and practice. **International Journal of Management Reviews**, v. 12, n. 1, p. 85-105, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

FLETCHER, K. **Moda & Sustentabilidade: design para a Mudança**. São Paulo: Senac SP, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 91.ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

OLIVEIRA, I. A. A dialogicidade na educação de Paulo Freire e na prática do ensino de filosofia com crianças. **Movimento-revista de educação**, [S. l.], n. 7, p. 228-253, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32633>. Acesso em: 26 set. 2025.

NAÇÕES UNIDAS. **Como as Nações Unidas apoiam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 20 set. 2025.

PACHECO, J. **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

PORTER, M. E.; KRAMER, M. R. Creating shared value. **Harvard Business Review**, v. 89, n. 1/2, p. 62-77, 2011.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. cap. 1, p. 23-71.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2023.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SILVA, D. F. F.; OLIVEIRA, R. F. V. La importancia de la inclusión digital en el sistema educativo. In: **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Año. 7, Ed. 2, Vol. 1, págs. 69-78, 2022.

SOUSA, G. Seda Brasil: tecendo fios que unem e transformam. **Conexão Ciência**. Ciências da Terra. Maringá: Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2024. Disponível em: <https://conexaociencia.com.br/seda-brasil-tecendo-fios-que-unem-e-transformam/>. Acesso em: 25 set. 2025.

THOMPSON, D. **Hit Makers**: The Science of Popularity in an Age of Distraction. New York: Penguin Press, 2017.

VERDEJA, M. El legado pedagógico de Paulo Freire: una pedagogía de la esperanza que nos invita a realizar una lectura crítica del mundo y soñar con las posibilidades de transformación en un mundo ético y profundamente solidario. In: **Voces de la educación**, número especial, 2020, p. 50-67.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Ainda é possível mudar 2030. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 24 set. 2025.